

O DESERTOR.

POEMA

HEROICO-COMICO

POR

MANOEL IGNACIO

DA SILVA ALVARENGA,

Na Arcadia Ultramarina

ALCINDO PALMIRENO.

4720



COIMBRA:

NA REAL OFFICINA DA UNIVERSIDADE;

Anno de M.DCC.LXXIV.

Com licença da Real Meza Censoria,

L1179

OR.

THE
FEDERAL
BUREAU OF INVESTIGATION
WASHINGTON, D. C.

RECEIVED
MAY 15 1964
FBI - NEW YORK

100-100000-1000



DISCURSO

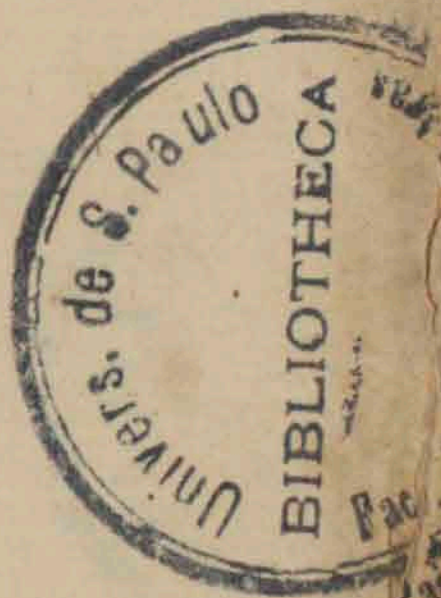
S O B R E O

POEMA HEROI-COMICO.

A Imitação da Natureza, em que consiste toda a força da Poesia, he o meio mais efficaz para mover, e deleitar os homens; porque estes tem hum innato amor á imitação, harmonia, e rythmo. Aristoteles, que bem tinha estudado a origem das paixões, assim o affirma no cap. 4. da Poet. Este innato amor foi o que logo ao principio ensinou a imitar o Canto das Aves: elle depois foi o inventor da Flauta, e da Poesia como felizmente exprimio Lucrecio no liv. I. v. 1378.

*At liquidas avium voces imitauer ore
Ante fuit multò, quam levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, aureisque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primum
Agrestes docuere cava inflare cicutas.*

O prazer, que nos causaõ todas as artes imitadoras, he a mais segura prova deste principio. Mas assim como o sabio Pintor para mover a compaixão não representa hum quadro alegre, e risonho; tambem o habil Poeta deve escolher para a sua imitação acções conducentes ao fim que se propoem. Por isso o Epico, que pretende inspirar a admiração, e o amor da virtude,



tude, imita huma acção na qual possaõ apparecer brilhantes o valor, a piedade, a constancia, a prudencia, o amor da Patria, a veneração dos Principes, o respeito das Leis, e os sentimentos da humanidade. O Tragico, que por meio do terror, e da compaixão deseja purgar o que ha de mais violento em as nossas paixões, escolhe acção, onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infamia, do temor, do remorso, da desesperação, e do castigo: em quanto o Comico acha nas acções vulgares hum dilatado campo a irrisão, com que reprehende os vicios.

Qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim, he difficil o julgar; sendo tão differentes os caracteres, como as inclinações; mas quasi sempre o coração humano regido pelas leis do seu amor proprio, he mais facil em ouvir a censura dos vicios, do que o louvor das virtudes alheas.

O Poema chamado Heroi-comico, porque abraça ao mesmo tempo huma e outra especie de poesia, he a imitação de huma acção comica heroicamente tractada. Este Poema pareceo monstruoso aos Criticos mais escrupulosos; porque se não pôde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto he mais huma nota pueril, do que bem fundada critica; pois a mistura do heroico, e do comico não envolve a contradição, que se acha na Tragi-comedia, onde o terror, e o riso mutuamente se destroem.

Naõ

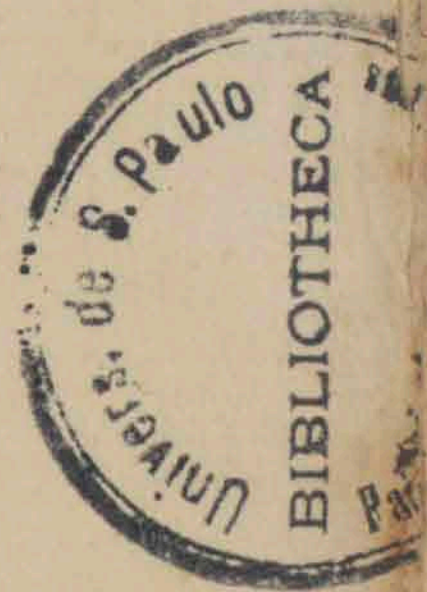
Naõ obsta a authoriãde de Plataõ referi-
da por muitos ; porque quando este Filosofo
no Dialogo 3. da sua República parece dizer
que saõ incompativeis duas diversas imitaçoens,
falla expressamente dos Authores Tragicos , e
Comicos , que já mais seraõ perfeitos em ambas.

Esta Poesia naõ foi desconhecida dos Anti-
gos. Homero daria mais de hum modello di-
gno da sua maõ , se o tempo , que respeitou a
Batrachomyomachia , deixasse chegar a nós o
seu Margites , de que falla Aristoteles no cap. 4.
da Poet. dizendo que este poema tinha com a
Comedia a mesma relaçaõ que a Iliada com a
Tragedia. O Culex , ou seja de Virgilio , ou
de outro qualquer , naõ contribue pouco para
confirmar a sua antiguidade.

Muitos saõ os poemas heroi-comicos mo-
dernos. A *Secchia rapita* de Tassoni he para os
Italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau
para os Francezes , e o *Hudibraz* de Butler ,
e o *Rape of the lock* de Pope para os Inglezes.

Huns sugentáraõ o poema heroi-comico a
todos os preceitos da Epopea , e quizeráõ que
só diferisse pelo comico da acçaõ , e misturá-
raõ o ridiculo , e o sublime de tal sorte , que
servindo hum de realce a outro , fizeraõ appa-
recer novas bellezas em ambos os generos.
Outros omitindo , ou talvez despresando al-
gumas regras , abríraõ novos caminhos á sua
engenhosa fantasia , e mostráraõ disfarçada
com innocentes graciosidades á critica mais in-
finuante , como M. Gresset no seu *Ververt*.

Naõ



Naõ faltou quem tractasse comicamente hu-
ma acção heroica ; mas esta imitação naõ foi
tam bem recebida, ainda que a Parodia da Enei-
da de Scarron possa servir de modello.

He desnecessario trazer á memoria a autho-
ridade , e o successo de taõ illustres Poetas para
justificar o Poema Heroi-comico , quando naõ
ha quem duvide , que elle , porque imita , mo-
ve , e deleita : e porque mostra ridiculo o vi-
cio , e amavel a Virtude , consegue o fim da
verdadeira poesia.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.
Horat. Poet. v. 342.

*Discit enim citius, meminitque libentius illud,
Quod quis deridet, quam quod probat, ac ve-
neratur.*

Horat. Epist. 1. 1. 2. v. 262.

O DE-

O DESERTOR

CANTO I.

MUSAS cantai o Desertor das letras ;
 Que , depois dos estragos da Ignorancia ,
 Por longos , e durissimos trabalhos
 Conduzio sempre firme os companheiros
 Desde o loiro Mondego aos Patrios montes ;
 Emvaõ se oppoem as luzes da Verdade
 Ao fim , que já na idêa tem proposto :
 E emvaõ do Tio as iras o ameaçaõ.

E tu , que á sombra d'huma maõ benigna ,
 Genio da Lusitania , no teu feio
 De novo alentas as amaveis Artes ;
 Se ao surgir do lethargo vergonhoso
 Naõ receas pisar da Gloria a estrada ,
 Dirige o meu batel , que as vélas solta ,
 O porto deixa , e rompe os vastos mares
 De perigosas Syrtes povoados.

Quais seriaõ as causas , quais os meios

Por-

Que depois dos estragos da Ignorancia. Depois de abolidos os velhos Estatutos pela creação da noya Uniyersidade.

8 O DESERTOR.

Porque Gonçalo renuncia os livros?
Os conselhos, e industrias da Ignorancia
O fizeraõ curvar ao peso enorme
De taõ difficil, e arriscada empresa.
E tanto póde a rustica progenie!

A vós por quem a Patria altiva enlaça
Entre as pennas vermelhas, e amarellas
Honrosas palmas, e sagrados loiros,
Firme columna, escudo impenetravel
Aos assaltos do Abuso, e da Ignorancia;
A vós pertence o proteger meus versos.
Consenti que elles voem sem receio
Vaidosos de levar o vosso nome
Aos apartados climas, onde chegaõ
Os échos immortais da Lusa gloria.

Já o invicto Marquez com regia pompa
Da risonha Cidade avista os muros.
Já tóca a larga ponte em aureo coche.

Alli

E tanto póde a rustica progenie! Virg. En. l. 1.
Tantæ ne animis coelestibus iræ. M. Despreaux no Canto 1. do
Lutrin.

Tant de fiel entret-il dans l'ame des Devots!

Já o invicto Marquez, com regia pompa. O Illustrissimo, e Excel-
lentissimo Senhor Marquez de Pombal entrou em Coimbra como
Plenipotenciario, e Lugar Tenente de Sua Magestade Fidelissima,
Para a creação da Universidade em 22. de Setembro de 1772.

Alli junta a brilhante Infantaria
 Ao rouco som de musica guerreira
 Troveja por espaços: a Justiça
 Fecunda mãy da Paz, e da Abundancia
 Vem a seu lado: as Filhas da Memoria
 Digna immortal corôa lhe offerecem,
 Premio de seus trabalhos: as Sciencias
 Tornaõ com elle aos ares do Mondego,
 E a Verdade entre jubilos o aclama
 Restaurador do seu Imperio antigo.
 Brilhante luz, paterna liberdade,
 Vós, que fostes n'hum dia sepultadas
 Co' bravo Rey nos campos de Marrócos;
 Quando traidoras, impias mãos o armáraõ
 Victima illustre da ambiçaõ alhêa,
 Tornai, tornai a nós. Da regia stirpe
 Renasce o vingador da antiga affronta.
 Assim o novo Scipiaõ crescia
 Para terror da barbara Carthágo.

Possaõ

C'o bravo Rey nos campos de Marrócos. O Senhor Rey D. Sebastiaõ ficou em Africa no anno de 1578, e se perdeu com elle a liberdade Portugueza, de donde nasceraõ as funestas consequencias, que athé agora se fizeraõ sentir.

Renasce o vingador da antiga affronta. O Serenissimo Senhor D. Jozé Principe herdeiro.

Assim o novo Scipiaõ crescia. Publico Cornelio Scipiaõ vingou a morte de seu Pai, e Tio destruindo Carthago.

Possão meus olhos ver o Ismaelita
 Nadar em sangue, e pálido de susto
 Fugir da morte, e mendigar cadêas;
 E amontoando Lûas sobre alfanges
 Formar degrãos ao Throno Lusitano.
 Dissiparaõ-se as trevas horrorosas,
 Que os bellos horizontes affombravaõ,
 E a suspirada luz nos apparece.
 Tal depois que raivoso, e sibilante
 Sobre o carro da Noite o Euro açoita
 Os tardios cavallos do Boótes,
 E insulta as terras, e revolve os mares,
 Raia a manhã serena entre doiradas,
 E brancas nuvens: ri-se o Ceo, e a Terra;
 O Vento dorme, e as Horas vigilantes
 Abrem ao claro Sol a azul campanha.

A soberba Ignorancia em tanto observa;
 E se confunde ao ver o proprio throno
 Abalar-se, e cahir: o seu ruido
 Redobra os échos nos oppostos valles,

E

Possão meus olhos ver o Ismaelita. Os Moiros são descendentes de Ismael filho de Agar.

Sobre o carro da noite o Euro acolta. Euro o vento vulgarmente chamado L'Este. Boótes constelação na cauda da Urça, ou a Guarda.

Os tardios cavallos do Boótes. Juvenal Sat. 5. v. 23.
 Frigida circumagunt pigri Sarraca Bootæ.

E o Mondego feliz ao mar undoso
 Leva alegre a noticia, porque chegue
 Das suas praias aos confins da Terra.
 Ella abatida, e só não acha abrigo,
 E desta forte em feu temor suspira.

Verei eu sepultar-se entre ruinas
 O meu reino, o meu nome, e a minha gloria,
 Depois de ser temida, e respeitada?
 Pobre resto de miseros vassallos
 Não ha mais que esperar. Já fui rainha:
 Já fostes venturosos: não soframos
 As injurias, que o vulgo nos prepara:
 Injurias mais crueis do que a desgraça.
 Deixemos para sempre estes terriveis
 Climas de mágoa, susto, horror, e estrago:
 Mostrai-me algum lugar desconhecido,
 Onde occulta repouze, até que possa
 Tomar de quem me offende alta vingança.
 Mas onde se hum Prelado formidavel
 Esse Argos, que me assusta, vigilante

Ao

Mas onde se hum Prelado formidavel. O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Bispo de Coimbra Reitor, e Reformador da Universidade.

Argos fingio a fabula ser Pastor de Thessalia, que tinha cem olhos, a quem Juno deo a guardar Jo filha de Inacho Rey dos Argivos.

Ao lugar mais remoto estende a vista?
 Monstros do cego abyfmo, em meu foccorro
 Empenhai o poder do voffo braço;
 Que fe entre os homens me faltar aftylo
 Ao triste vão dos asperos rochedos,
 Onde o Tenaro efcurο, e cavernοfo
 Da morada fombria as portas abre,
 Irei chorar meus dias fem ventura:
 Irei Affim fallando mifturava
 Gemidos, e foluços, que fuffocaõ
 Dentro do peito a voz, e humedecia
 Co' pranto amargo a face defcorada.
 Mas logo, ferenando o rofto affiçto,
 Corre por entre fuftos, e efperanças
 Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.
 A fonolenta, a pigra Ociofidade
 Por eſta vez deixou de acompanhá-la:
 E a languida Perguiça forcejando
 Põde apenas feguî-la com os olhos.

Toma a fórma d' hum celebre Antiquario
 Sebaſtianifta acerrimo, incançavel,
 Libertino com capa de devoto.

Tem

Onde o Tenaro efcurο, e cavernοfo. Promontorio de Laco-
 nia, onde ha huma cova profundiffima, que os antigos chamá-
 raõ a porta do Inferno. Virg. Georg. l. 4. v. 467.
 Tanarias etiam fauces alta oftia Ditis.

Tem macilento o rosto, os olhos vivos,
 Pesado o ventre, o passo vagaroso.
 Nunca trajou á moda: huma casáca
 Da côr da noite o veste, e traz pendentés
 Largos canhoens do tempo dos Affonsos.
 Dizem que o tempo da mais bella idade
 Consagrou ás questoes do Peripáto.
 Já vio passar dez lustros, e experiente
 Sabe enredos urdir, e por-se em salvo.
 Entra por toda a parte, e em toda a parte
 He conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo, que foi sempre dezejoso
 Da mais bella instrucção, lia, e relia
 Ora os longos acafos de Rozaura,
 Ora as tristes desgraças de Florinda,
 E sempre se detinha com mais gosto
 Na cova Tristiféa, e na passagem
 Da perigosa ponte de Mantible.
 Repetia de côr de Albano as queixas
 Chamando a Damiana injusta, ingrata;
 Quando Tiburcio apaixonado, e triste
 Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros?

Crês

*Ora os longos acafos de Rozaura. Carlos, e Rozaura, con-
 stante Florinda, e Carlos Magno são romances muito conhe-
 cidos.*

Crês que ainda appareçaõ grandes homens
 Por estas invençoens, com que se apartaõ
 Da profunda sciencia dos antigos?

Morrêraõ as *postillas*, e os *Cadernos*:
 Cahio de todo a *Ponte*, e se acabáraõ
 As *distincçoens*, que tudo defendiaõ,
 E o *ergo*, que fará faudade a muitos!
 N' outro tempo dos Sabios era a lingua
Fórma, e mais *fórma*: tudo em fim se acaba,
 Ou se muda em pior. Que alegres dias
 Naõ foraõ os de Maio, quando a estrada
 Se enchia de Arrieiros, e Estudantes!
 O' tempo alegre, e bemaventurado!
 Que facil era entaõ o azul Capello
 Adornado de franjas, e alamares,
 O rico anel, e a fluctuante borla,
 Honra, e fortuna, que chegava a todos!
 Hoje he grande a carreira, e feraõ raros
 Os que se atrevaõ a tocar a méta
 A' Gonçalo! Gonçalo! que mais vale
 Tirar co' a propria maõ no fertil Souto
 Molles castanhas do espinhoso ouriço!
 Quanto he doce ao voltar da Primavera
 O faboroso mel no loiro favo!

O'

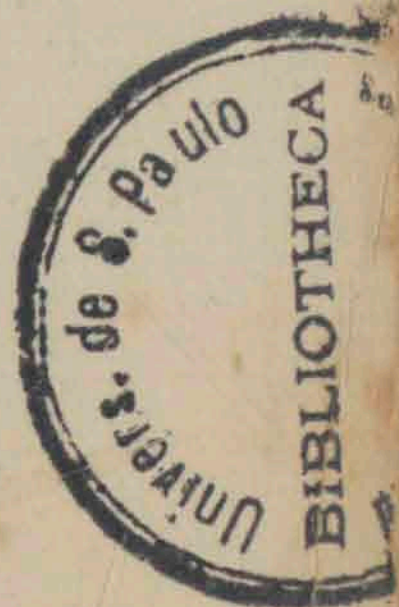
Cahio de todo a ponte. O methodo escolastico. Quem conhece a Logica peripatetica, naõ ignora qual seja esta ponte.

O' alegre , e famosa Mioselha
Fertil em queijos , fertil em tramoços !
Só lá de romariã em romariã
Podes viver feliz , e descansado.
Quem te obriga a levar sobre os teus hombros
O desmedido peso , que te espera ?
Naõ tenhas do bom Tio algum receio :
Comigo irás : bem sabes quanto posso.
Se te envergonhas de ser só , descança ;
Fiel parente amigo inseparavel
Eu farei que abraçando o mesmo exemplo
Muitos se apressem a seguir teus passos.

Assim fallava : quando hum ar de riso
Appareceo no rosto de Gonçalo.
Tudo o que se deseja se acredita ;
Nem ha quem o seu gosto desaprove.
Elle porque já traz no pensamento
Poupar-se dos estudos á fadiga
Naõ vacilla na escolha , e se aproveita
Da feliz occasiã , que lhe assegura
O meditado fim de seus desejos.

Convocaõ-se os herões , e deliberaõ
Em pleno consistorio , onde Gonçalo
Silencio pede , e assim a todos falla.

He-



Herões, a quem huma alma livre anima,
 Que desprezando as Artes, e as Sciencias,
 Ides buscar da Patria no regaço
 Longe da fugeição, e da fadiga
 Doce descanso, amavel liberdade:
 Se algum de vós (o que eu não creio) ainda
 Tem na alma o vão desejo dos estudos,
 Levante o dedo ao alto. Huns para os outros
 Olháraõ de repente, e de repente
 Rouco, e brando sussurro ao ar se espalha:
 Qual nos bosques de Tempe, ou nas frondosas
 Margens, que banha o placido Mondego,
 Costuma ouvir-se o Zefiro suave,
 Quando menêa os alamos sombrios.
 Nenhum alçou a mão, e a Ignorancia
 Pareceo consolar-se, imaginando
 Sonhadas glorias de futuro imperio.

Diñoem-se a companhia, e se aparelha
 Para partir antes que o Sol desáte
 Sobre a Terra orvalhada as tranças d'oiro.
 Tiburcio tudo apronta. Mas Janeiro
 Loquaz, traidor, domestico inimigo
 Vôa de casa em casa publicando

Da

Qual nos bosques de Tempe. Lugar de Thessalia celebre pe-
 la amenidade dos seus bosques.

Da forte esquadra a proxima partida.

Guiomar, velha que ha muito que insensivel

A's delicias do amor, afferrolhando

Emmagrece nos miseros cuidados

Da faminta ambição, e he na Cidade

Huma ave de rapina, que entre as unhas

Leva tudo o que encontra aos ermos cumes

Da escavada montanha, onde a festejaõ

Co' a boca aberta os ávidos filhinhos:

Triste agora, e infeliz ouve, e se affusta

Das noticias crueis, que o Moço espalha.

O' Ama desgraçada! O' dia infasto!

Agora que esperava mais focego

Principiaõ de novo os meus trabalhos!

Estas, e outras palavras arrancava

Do peito descontente, em quanto a Filha

Amorosa, e sagaz estuda os meios,

Com que possa deter o ingrato amante:

Faz ajuntar de partes mil á pressa

Cordoens, e aneis, e a pedra reluzente,

Que os olhos defafia: os seus cabellos,

Que desconhecem o toucado, empasta

Co' a cheirosa pomada: a Mãe se lembra

Da propria mocidade, e lhe vai pondo

Com a tremula maõ vermelhas fitas,

B

Sina

Simples noiva da aldêa , que ao mover-se
 Teme perder o desusado adorno,
 Nunca formou mais vagarosa os passos.
 Narciza chega entre raivosa , e triste,
 E fingindo esquecer-se da mantilha
 Para mostrar-se irada , desta forte
 Em alta voz lhe falla. Será certo
 Que pertendes fugir , e que me deixas
 Infeliz , enganada , e descontente ?
 Assim faltas cruel , perfido , ingrato
 D' hum longo amor aos ternos juramentos ?
 Não diceste mil vezes mas que importa
 Que os meus males recorde ? em fim perjuro
 As tuas vans promessas me enganáraõ.
 Justiça pedirei ao Ceo , e ao Mundo :
 O mundo tem prisoens , o Ceo tem raios.

Fallava , e o Herôe , que arrasta ainda
 D' hum incomodo amor os duros ferros
 Parece vacillar ; quando Tiburcio
 Dá conselhos a hum , a outro ameaça
 Pondo irados os olhos em Narciza.
 Diz-lhe que em vaõ suspira , que em vaõ chora
 E que sempre tiveraõ as mulheres
 Para enganar aos miseros amantes
 As lagrimas no rosto , o riso na alma.

Gonçalo entaõ, que o seu dever conhece,
 Dá provas de valor, e de prudencia.
 Ouve Narciza bella (lhe dizia)
 Serena a tua dor, e os teus queixumes:
 O teu pranto me move, injusto pranto,
 Que o meu constante amor de ingrato accusa.
 Socega: a nova herança d'hum morgado
 He quem me chama, a ausencia ferá breve.
 Tempo depois virá que em doces laços
 Eterno amor as nossas almas prenda,
 E entaõ farás tibornas, e magustos.
 Nem sempre cobre o mar a longa praia:
 Nem sempre o vento com furor raivoso
 Do robusto pinheiro o tronco açoita.

Acaba de fallar, e lhe offerece
 A leve bolsa, que Narciza acceita
 Como penhor sincéro de amizade,
 Bolsa, que deve ser na dura ausencia
 Breve consolação de tristes magoas

O experto Amigo, que se mostra em tudo
 Companheiro fiel, com olhos tristes,
 Pondéra os longos, e asperos caminhos:

B 2

Lem-

Tiborna. Comida feita de pão e azeite novo.

Magusto. Castanhas assadas e vinho.

Lembra funestas noites de estalagem ;
E adverte em vão , que ao menos por cautella
Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
Deixando em fim inuteis argumentos
Remette a decisaõ ao proprio braço.
Nã se esquecem das unhas , nem dos dentes ;
Armas , que a todos deu a Natureza.
Ouvem-se pela casa em som confuso
As troncadas injurias , e os queixumes.
Assim dois caens , se o hospede imprudente
Lança da mesa os ossos esburgados ,
Promptos avançã ; d'huma , e d'outra parte
Se vê firme o valor : mordem-se , e rosnã ;
Mas nã cessa a contenda. Amigo , e amante
Que farias Gonçalo em tanto aperto ?
Concorre a plebe , e o fervido tumulto
Vai pelas negras furias conduzido
Despertando nos peitos a desordem.
Ninguem sabe porque , mas todos gritã.
Jã voã as cadeiras pelos ares :
Pedras , e páos de longe se arremeçã.
E se a candida Paz com rosto alegre
Serenou as desgraças deste dia ,
Os teus dentes , intrepido Gonçalo ,
Viste voar em negro sangue envoltos.

Torna alegre Narciza, e cinco vezes
Abrio a bolsa, e numerou a prata:
Fez diversas porçoens, que n'hum momento
Tornou a confundir: não d'outra forte
O menino impaciente, e cubiçoso,
Quando alcança o que ha muito lhe negavaõ,
Repara, volta, move, ajunta, espalha,
E neste giro o seu prazer sustenta.

Em tanto a mãy, que já por experiencia
Os enganos conhece mais occultos,
Busca novos pretextos de vingança
Fingindo torpes, e horrorosos crimes,
E espera ouvir gemer em poucas horas
O mancebo infeliz em prisaõ dura.
Mas Rodrigo, que ouvio o rumor vago
A' pressa chega, e desta sorte falla,

Que desgraças te esperaõ! foge, foge
Gonçalo em quanto há tempo: gente armada
Vem logo contra ti. Guiomar convóca
Todo o poder do mundo: hum só momento
Não percas, caro amigo; os companheiros
Com alvoroço esperaõ. A' deixemos,
Deixemos d'huma vez estas paredes,
Onde co' proprio sangue escrita deixas

De



De teu tragico amor a breve historia.
 He já outro o Mondego : a liberdade
 Destes campos fugio , e só ficáraõ
 A dura fugeiçaõ , e o triste estudo.
 Em fim heide apartar-me desta sorte ?
 O' sempre tristes , sempre amargos sejaõ
 Os teus ultimos dias , velha infame.
 Gonçalo fim chorando , monta , e parte.

CANTO II.

COm largo passo longe do Mondego
 Alegre a forte gente caminhava.
 Gonçalo excede a todos na estatura ,
 Na força , no valor , e na destreza.
 Sobre hum magro jumento se escarrancha
 Tiburcio , e já d'um ramo de salgueiro
 Defata ao Norte fresco , que affobã ,
 Por vistoso estandarte hum lenço pardo.
 Cosme infeliz , e sempre namorado
 Sem fer correspondido , vai faudofo ,
 Ama , e não sabe a quem : vive penando ,
 E se consola só porque imagina
 Que tem de conseguir melhor ventura,
 Rodrigo , que de todos desconfia ,
 He de indole grosseira , e genio bruto ,
 Não

Não conhece os perigos, nem os teme:
 Melancolico sempre, vai por gosto
 Viver na choça, aonde foi creado.
 Qual o Tatú, que o destro Americano
 Vivo prendeo, e em vão depois se cança
 Por faze-lo domestico, que sempre
 Temeroso nas conchas se recolhe
 E parece fugir á luz do dia.
 Tambem vinha Bertoldo, e traz comfigo
 Carunchosos papeis por onde affirma
 Vir do septimo Rey dos Longobardos.
 Grita contra as riquezas, a Fortuna
 Segundo o que elle diz não muda o fangue:
 Pisa com força o chão, e empavezado
 De acçoens, que elle não póde chamar suas
 Aos outros trata com feroz desprezo.
 Iracundo Gaspar; que te enfureces
 No jogo, e quando perdes não duvidas
 Meter a mão á ferrugenta espada,
 Tu não ficaste: as noites sobre os livros
 Não queres suportar, porque não temes
 Da já viuva mãy as froxas iras.

Nem

*Qual o Tutú, que o destro Americano. Lin. syst. nat. Zool. edic.
 10. tom. 1. pag. 50. Dasypus.*

*Vir do septimo Rey dos Longobardos. Povos de Escandinavia,
 e Pomerania, que se apoderaraõ da parte da Gallia Cisalpina
 em 568.*

Nem tu Alberto alegre, e desejado
 Nas vistosas funções das romarias,
 Que es vivo prompto, e agil, e nos bailes
 Tens fama de engraçado, e gargantêas
 Co' a viola na mão trocando as pernas,
 Os que aprendem o nome dos authores,
 Os que lem só o prologo dos livros,
 E aquelles, cujo fono não perturba
 O concavo metal, que as horas conta;
 Seguirão as bandeiras da ignorancia
 Nos incriveis trabalhos desta empresa.

O Sol já sobre os campos de Amphitrite
 Inclina o carro, e as nuvens carregadas
 Importunos chuveiros ameaçaõ;
 Quando a velha estalagem os recebe,

Mesa de tosco pinho se povôa
 De negras azeitonas, e salgado
 Queijo, que estima a gente que mais bebe;
 D'hum lado, e d'outro lado se levantaõ
 Picheis, e copos, em que o vinho abunda.
 Corriaõ para aqui desafiados
 Rodrigo o triste, e o glotaõ Tiburcio.
 Este instante fatal he que decide
 Da dubia forte dos heroes cobrindo

Hum de eterna vergonha, outro de gloria,

A feia Noite, que aborrece as luzes,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate, e afugentada
Pela sombria luz d'huma candêa
De longe observa o novo desafio.

Hum, e outro occupando as mãos, e a boca
Avidamente a devorar começa.

Assim esse animal grosseiro, e pingue,
Que de alpestres bolótas se sustenta,
A' pressa come, e tendo huma nos dentes,
N'outra tem o desejo, e n'outra a vista.

Rodrigo quasi certo da victoria
Co' as mãos ambas levanta hum grande cópo;
Cópo digno de Alcides, e á faude
De todos os famosos Desertores
De huma vez esgotou: entã Tiburcio
Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma hum largo pichel, e assim lhe falla.

Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu filho da cêpa generoso,
Se estimas, e recebes os meus votos,
Derrama sobre mim os teus encantos.

Já

Já tinha dito muito : e em quanto bebe
 Voa a cega Discordia , que se nutre
 De fangue , e de vingança , e sobre os cópos
 Tres vezes facodio as negras azas.
 Viaõ-se já nos lividos semblantes
 A raiva sanguinosa , a má tristeza
 A Noite , a quem o Acaço favorece ;
 Estende a fusca mão , e a luz abafa.
 Veloz passa o furor de peito em peito ,
 Perturba os coraçõens , e inspira o odio.
 Só tu Gonçalo descrever podéras
 Os terriveis estragos desta noite ,
 Tu , que posto debaixo d' huma banca
 (Por não manchar as mãos no fangue amigo)
 Sentiste pela casa , e pelos ares
 Rolar os pratos , e tinir os cópos.
 Range os dentes Gaspar , e pelo escuro
 Não acerta co' a espada , nem co' a porta :
 Quando Ambrosio , que tinha envelhecido
 Da Estalagem na misera officina
 Co' a candêa na mão allim fallava.
 He crível , que entre vós já mais se encontre
 Hum genio docil , serio , e moderado ?
 Isto deveis ás letras ? respondei-me ,
 Ou insultai tambem os meus cabellos

Da triste, e longa idade embranquecidos.
 Julgais acaso, que o saber se infunde
 Deixando o vosso nome assignalado
 Pelos muros, e portas da Estalagem?
 O' nescia mocidade! he necessario
 Muito tempo soffrer, gastando a vista
 Na continua lição, e sobre os livros
 Passar do frio Inverno as longas noites.
 E quando já tivefseis conseguido
 De tão bella carreira os dignos premios;
 Muito pouco sabeis, se inda vos falta
 Essa grande Arte de viver no mundo,
 Essa, que em todo o estado nos ensina
 A ter moderação, honra, e prudencia.
 Eu tambem já na flor da mocidade
 Varrí co' a minha capa o pó da falla:
 Eu tambem fui do rancho da carqueja,
 Digno de fama, e digno de castigo.
 Era então como vós. Já mais os livros
 Me deverão cuidado, e me alegrava
 Das nocturnas empresas, dos disturbios:
 Os dias se passavaõ quasi inteiros
 Nos jogos, nos passeios, nas intrigas,
 Que fomentaõ os odios, e as vinganças.

Por

Eu tambem fui do rancho da carqueja. Esta Companhia de Estudantes commetteo muitos crimes, e foi dispersa, e castigada.

Por isso estou no feio da miseria:
 Por isso arrasto huma infeliz velhice
 Sem honra, sem proveito, sem abrigo,
 Tempo feliz da alegre mocidade!
 Hoje encurvado sobre a sepultura
 Eu choro em vão de vos haver perdido!
 Assim suspira, e geme, e continua.
 Conservai sempre firme na memoria
 D' hum velho desgraçado o triste exemplo;
 E aprendei a ser bons, que a vossa idade
 As indignas acçoens não justifica.
 Mas se vós desprefais os meus conselhos,
 Nunca gozeis o premio dos estudos:
 Affliçoens, e trabalhos vos opprimaõ,
 Em quanto o mar das Indias vos espera:

Entaõ Gaspar tomando o caso em brio
 Acceso de ira com valor responde,
 Traça o capóte, e tira pela espada.
 O velho grita, e foge: ás suas vozes
 De rusticos hum povo se enfurece,
 E toma as armas, e bradando avança.
 Qual nos immensos, e profundos mares
 O voraz Tubaraõ entre o cardume
 De argentadas Sardinhas: ellas fogem;
 Deixaõ o campo, e nada lhe resiste;

Assim

Assim Gonçalo, a quem já todos temem,
Faz espalhar a turba, que o rodêa,
E só deixa a quem foge de encontrallo,

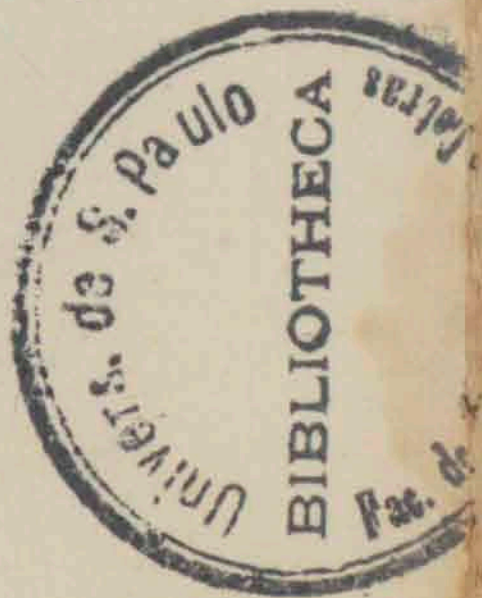
Gaspar, que o rosto nunca vio ao medo,
A todos desafia, e não perdôa
D' huma oliveira ao carcomido tronco,
Que elle julga broquel impenetravel,
Vendo estalar da sua espada a folha,

Da noite a densa nevoa favorece.
Receosos de nova tempestade
Salvaõ as vidas os Herões fugindo
Por entre o máto espeffo. Ouvem ao longe
Da vingativa plebe a voz irada.

A' clara luz das pinhas rezinosas
Apparecem as foices, e apparecem
Chuços, cacheiras, trancas, e machados.
Levanta-se o clamor; e a crua guerra,
Que o sangue dos mortais derrama, e bebe;
Gira por toda a parte, e move as armas.
Em tanto a valerosa companhia
Amparada da sombra feia, e triste
Voa por longo espaço sobre as azas

Do

A' clara luz das pinhas rezinosas. Costumad os rusticos acender de noite as pinhas,



Do pallido terror. Não d'outra sorte
 Rasos chavécos de piratas Moiros,
 Quando aos echos do bronze fulminante
 Vem tremolar as vencedoras Quinas
 Sobre a possante Náo, que opprime os mares
 Fogem á vela, e remo, e não descansão
 Sem ter beijado as Argelinas praias.
 Ouvem-se então diversos sentimentos.
 Chora Gaspar de se não ter vingado,
 E ainda aqui colerico assevéra
 Que a não faltar-lhe a espada não fugira.
 Espada, que ao romper as linhas d'Elvas,
 Se dos velhos Avós não mente a historia,
 Abrio de meio a meio hum Castelhana.

Teme Bertoldo, que o encontre o Povo,
 E no meio daquella escuridade
 Chega-se aos mais com panico receio.
 Cosme quasi insensível aos perigos,
 E aos amargos momentos desta noite,
 Approveita o silencio, o fitio, a hora
 Para chorar faudades sem motivo.
 Só Gonçalo pensava cuidadoso

Ena

As linhas d'Elvas. Gloriosa batalha, que ganhou D. Antonio Luiz de Menezes Excellentissimo Conde de Cantanhede, no anno de 1658. A este heróe também se deve o triumpho de Montes Claros.

Em salvar os afflictos companheiros
 Assim o astuto assolador de Troia,
 Quando os Gregos herões ouvio cerdosos
 Grunhir nos bosques da encantada Circe,
 Ou quando vio a detestavel mesa
 Na vasta cova do Cyclope horrendo.
 Onde estarás fiel, e caro amigo!
 (Dizia o conductor da stulta gente)
 Se tu me faltas como irei meter-me
 Nas maõs d'hum Tio rustico, inflexivel?
 Voltarei? mas o' Ceos! quem me assegura
 Que essa velha cruel, nefanda harpia
 Não tenha urdido algum funesto engano?
 E se o Povo indignado, e offendido
 Nos vem seguindo, e ao surgir da Aurora
 Neste inculto deserto Ceo piedoso
 Longe, longe de nós tão graves damnos.

Gonçalo assim falava, e vigilante
 Tristes horas passou athe que o dia
 Apareceo entre rosadas nuvens
 Sobre as altas montanhas do horizonte.

C A N -

Assim o astuto assolador de Troia. Ulysses cujos companheiros foram transformados por Circe Homer. odiss. l. 10. v. 238.

Ou quando vio a detestavel mesa. Polyphemo devorou dois Gregos em presença de Ulysses Odiss. l. 9. v. 289.

CANTO III.

A Fama sobre o carro transparente,
 Que arrastaõ ao travez do espaço immenso
 O sonoro Aquilon, e o veloz Austro,
 Cantava o caro nome, a immortal gloria
 Do Augusto Pai do Povo. Entre milhares
 De acçoens dignas d'hum Rey, Europa admira
 O soberbo Edificio levantado,
 Que o faudofo Mondego abraça, e adora:
 Edificio, que o tempo devorante
 Vê de longe, rodêa, teme, e foge:
 Que sustenta em firmiffimas columnas
 Da sciencia immortal o Regio Throno.

Se longe da feroz barbaridade
 Os olhos abre a forte Lusitania,
 Grande Rey esta acção he toda vossa.

Em tanto a Fama heroica vaõ seguindo
 As velozes, e incognitas noticias,
 Que trazem, e que levaõ os successos
 De paiz, em paiz, de clima, em clima.
 Ellas voaõ em turba, enchendo os ares

Dos

O sonoro Aquilon, e o veloz Austro. Aquilon vento septem-
 tional, e Austro meridional.

Dos echos dissonantes , a que attendem
 Credulas velhas , e homens ociosos.
 Qual no fertil Certaõ da Ajuruóca
 Vaga nuvem de verdes Papagaios ,
 Que encobre a luz do Sol , e que em feos gritos
 He semelhante a hum povo amotinado :
 Assim vaõ as Noticias , e estas vozes
 Pelo campo entre os rusticos semeaõ.

Gente inexperta , alegre , e sem cuidados ,
 Fero esquadraõ , que os vossos campos tala ;
 Vem destruindo as terras , e os lugares.
 O povo indocil , cego , e receoso ,
 Que as funestas palavras acredita ,
 Toma os caminhos , e os oiteiros cobre :
 Por onde irás , intrepido Gonçalo ,
 Que escapes ao furor da plebe armada ?
 Mas já os desgraçados companheiros
 Desciaõ por incognitas varedas
 Para o fundo d'hum valle cavernoso ;
 Que o Zêzere veloz lavando insulta
 Co'as turvas agoas do gelado Inverno.

C

Há

Qual no fertil Certaõ da Ajuruóca. Ajuruóca na lingua dos Indios sôa o mesmo que *caza de Papagaios*. Este vasto paiz nas Minas do Rio das mortes he abundantissimo destas aves.

Que o Zêzere veloz lavando insulta. Este pequeno , e arrebatado rio perde o nome no Tejo , e faz a maior parte do seu curso por penhascos inacessiveis.

Ha hum lugar nunca dos homens visto ;
 Na raiz de dois montes sobranceiros.
 Suaõ as frias , e musgosas pedras ,
 Que dos altos cabeços penduradas
 Ameaçã ruina há tempo immenso.
 Já mais do Caõ feroz o ardor maligno
 Desfez a neve eterna destas grutas.
 Arvores , que se firmaõ sobre a rocha ;
 Famintas de sustento á terra enviaõ
 As tortas , e longuissimas raizes.
 Pendentes caracões co' a fragil concha
 Adornaõ as abobadas sombrias.
 Neste lugar se esconde temerosa
 A Noite envolta em longo , e negro mantõ
 Ao ver do Sol os lucidos cavallos :
 Funebre , eterno abrigo aos tristes mochos ,
 A's velhas , ás fatidicas corujas ,
 Que com medonha voz gemendo augmentaõ
 O rouco som do rio alcantiládo.

Rufino por seu mal sempre extremo ;
 E sempre escarnecido , suspirando
 Aqui se entrega ao pallido ciume ,
 D' hum puro amor ingrata recompensa.

Con-

Já mais do Caõ feroz o ardor maligno. A Constellação chamada a Canicula,

Contaõ, que nestas horridas cavernas
 De miserias angustias rodeado,
 Vinha exhalar os ultimos suspiros
 Queixando-se de Amor, e da Fortuna.
 Entre os braços do sono repousava
 Este infeliz já de chorar cançado;
 Quando a inquieta Ignorancia, que se afflige,
 De ver nestas montanhas escabrosas
 Os timidos amigos, em que funda
 De novo imperio a unica esperança:
 Porque Rufino os acompanhe, e guie
 A' pingue, e suspirada Mioselha,
 Que he de tantos heróes Patria famosa;
 Finge o rosto da bella Dorothea,
 Dorothea a mais nova, a mais humana
 De quantas filhas teve o velho Amaro.
 Ella a roca na cinta, as mãos no fuso
 Em sonhos lhe aparece, e mais coráda,
 Que a rosa na manhã da Primavera,
 A falar principia. Se até agora
 Ingrata me mostrei a teos amores,
 Se inconstante, e perjura me chamaste,
 Da-me nomes mais doces, e ouve attento
 D' huma alma amante a confissão sincera.
 Sempre te amei, e espero ver unidos
 Os nossos corações em fortes laços

Do casto amor, que o Ceo não desaprová:
 Mas eu sem nada mais, que a lã, que fio,
 Tu rico só de affectos, e palavras,
 Onde iremos, que a fordida miseria
 Não seja em nossos males companheira?
 Vai-te, e longe de mim segue a ventura;
 Que firme te hei de fer em toda a idade.
 Do velho Affonso o triste, e pobre filho,
 Pela dura madrastra affugentado,
 Tambem deixou a suspirada Patria,
 E veio em poucos annos o mais rico
 Dos bens immensos, que o Brasil encerra:
 Ves tu quanto cresceo, que não cabendo
 No paterno cazal, ergue as paredes
 Athé chegar ao Ceo, que testemunha
 A ditosa uniaõ comque elle paga
 O firme amor da venturoza Ulina?
 Vai pois Rufino meu, que muitas vezes
 Muda-se a terra, e muda-se a Fortuna.

Assim fallando os braços lhe offerrece.
 O' que instante feliz, se Amor perverso;
 Dos ultimos favores sempre avaro,
 Não firmasse esta sombra de ventura
 Sobre as azas de hum sonho lizonjeiro!
 Desperta o triste, e desgostoso amante,

E não duvida que a presaga imagem
N'outro lugar thesoiros lhe promette.
Futuros bens na idéa se apresentaõ,
E elle crê possuillos. O' dos homens
Continuo delirar sem fundamento!
Que bella, e facil se nos pinta a posse
D' hum incognito bem, que desejamos!

Já se ajuntava o esquadrão famoso
Pela mesma Ignorancia conduzido,
E Gonçalo primeiro assim fallando,
Os mais em roda todos escutavaõ.

Benigno habitador de incultas brenhas,
Se hum desgraçado errante, e peregrino
Dentro em tua alma a compaixaõ desperta;
Os meus passos dirige, antes que a fome
Com impia maõ nos deixe frio pasto
A's bravas feras, ás famintas aves.

Fallava ainda: alguns estremeceraõ;
Outros amargo pranto derramaraõ.
Da boca de Rufino todos pendem.
Elle os languidos olhos levantando
Já do longe chorar enfraquecidos,
Estas vozes soltou do rouco peito.

Que

Que Fortuna cruel, maligna, incerta
Vos trouxe a penetrar o intacto abrigo
Destes lugares ermos, e escabrosos?
Vós em mim achareis amigo, e guia:
Que póde dar alguma vez socorro
Hum desgraçado a outro desgraçado.
Duros casos de amor me conduzirão
A acabar nesta gruta os tristes dias;
Mas hoje volto por feliz presagio
A tentar n'outra parte a desventura.

Acaba de fallar movendo os passos
Pelo torcido vaõ das nuas pedras.
Todos o seguem com trabalho immenso.

Depois que largo tempo caminharão
Por asperas montanhas, apparecem
Ao longe a estrada, e o lugar vizinho.
Qual a não soffredora das tormentas,
Que, depois de tocar o porto amigo,
Sente fugir-lhe as arenosas praias,
E dos horridos ventos açoitada
Volta a lutar c'õ pelago profundo:
Assim Gonçalo, quando ver espera
Tranquillo fim de miseros trabalhos,
O povo o cerca, e dos confusos gritos

As montanhas ao longe retumbáraõ.
Vós, ô Mufas, dizei como a Discordia
Com o negro tiçaõ, que accende os peitos,
Mostra o rosto de fangue, e pó coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui naõ apparecem refulgentes
Escudos d' aço, e bronze triplicado:
Naõ affombraõ a testa dos guerreiros
Fluctuantes penachos, que ameaçaõ,
Como tu viste, ô Troia, ante os teos muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos páos, e curvas foices,
He semelhante a hum bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando nuas
As elevadas pontas. Animoso
Dispoem Gonçalo a forma de batalha
Posto na frente: á sua voz a hum tempo
Todos avançaõ, todos se aproveitaõ
Das perigosas, e terriveis armas,
Que o terreno offerece em larga copia.
Vôa a cega Desordem, e apparece
No meio do combate. Por hum lado
Gaspar se oppoem arremeçando pedras
Com força tal, que atroaõ os ouvidos.
Gonçalo d'outra parte invicto, e forte

As

Abre

Abre co' ferro agudo amplo caminho.
 Já pendia a balança da victoria
 Contra a timida gente, que se espalha;
 Quando chega atrevido Braz o forte.
 (Gigante Ferabras lhe chama o povo
 Pela enorme estatura, e força inerivel)
 Ergue a pesada maça sem trabalho,
 Qual nos montes de Lerne o fero Alcides ;
 Gonçalo evita a morte com destreza :
 Elle renova os formidaveis golpes ;
 Mas o irado mancebo ao desviar-se
 Tropeça , e cahe. Neste arriscado instante
 Serias morto, intrepido Gonçalo ,
 Se Gaspar c' hum rochedo aspero , e rombo
 Naõ atalhasse do inimigo a furia,
 Quebrando-lhe com golpe repentino
 Ambas as canas do direito braço.
 Rangem os ossos , e a terrivel maça
 Cahindo sobre a terra ao longe fôa.
 Torna a juntar-se a fugitiva plebe,
 E o prudente Gonçalo , que deseja
 Mostrar o seu valor n' outros perigos ;
 Finge-se morto : a turba irada o pisa,
 Mas elle naõ se move. Contra todos

Entaõ

*Qual nos montes de Lerne o fero Alcides. Lerne lago de
 Achaia, onde Hercules matou a Hydra.*

Então Gaspar em colera se accende:
 Ameaça, derriba, ataca, e fere;
 Athé que já sem forças, rodeado
 Vê de seus companheiros os opprobrios.

Sôa nas costas dos heróes valentes
 O duro azambujeiro, e são levados
 Ao som terrível de insultantes gritos
 Para a escura prisão, que os esperava.
 Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
 Os olhos para o chão, porque era terno
 Não refreou o compassivo pranto.

Apar d'elle Bertoldo em vão lamenta
 A falta de respeito, que devia
 Rustica plebe ao neto de Alarico.

Com vagaroso passo todos marchaõ,
 Como as ovelhas por caminho estreito.
 Tal depois da ruina de hum Quilombo
 Vem a indomita plebe da Ethiopia,
 Quando rico dos loiros da victoria
 O velho Chagas sempre valeroso

Cobre

Rustica plebe ao neto de Alarico. Alarico Rey dos Godos, que alcançou muitas victorias contra os Romanos no tempo de Honorio.

Tal depois da ruina de hum Quilombo. Fortificação de escravos rebellados, que muitas vezes se fazem temidos pelas suas hostilidades.

O velho Chagas. Este famoso Indio foi dos que mais se assignalaram nas occasiões de ataques contra os escravos.

Cobre o fuzil da pelle da Guariba,
E forra o largo peito c'os despojos
Da malhada Panthéra, e do escamoso
Jacaré nadador, que infesta as aguas.

CANTO IV.

Tiburcio, que nas guerras da estalagem
Soube abrandar os inimigos peitos,
Pondo-se como em extasi profundo
Com os olhos no Ceo, e as mãos no peito;
Vem a empenhar a força das intrigas.
Que não farás intrepida Ignorancia
Por libertar os tristes prisioneiros!

Tem o cuidado das ferradas portas
Amaro vigilante, inexoravel;
Mas credulo, e medroso; e tem ouvido
Não sem horror pela calada noite
Grafnar nos ares, e mugir nos campos

Feias

Cobre o fuzil da pelle da Guariba. Guariba especie de mono, cuja pelle serve aos viajantes dos Certões para livrar o fuzil da humidade, e costumão estes homens forrar-se com a pelle dos animais, que mataõ. Pode ver-se M. Buff. no tom. 4. edic. de 4. vol. pag. 378. Lin. syst. nat. anim. ed. 10. tom. 1. pag. 26. *Paniscus.* Marcgr. 226.

Panthera Lin. syst. nat. anim. ed. 10. pag. 41. *Pardus.*
Jacare Crocodilo Brañliense. Marcgr. 242 Lin. syst. nat. pag. 200. *Crocodylus.*

Feias bruxas , e vagos lubifomes.
 Com elle o Antiquario se accredita
 Por hum devoto , e fante Anachoreta ;
 Que passa os breves dias deste mundo
 Entre os rigores d' huma austeridade.
 Amaro , que se fia de apparencias ,
 Para nutrir o fragil penitente
 Vai degolando os patos , e as gallinhas.
 Em tanto (quem dicera !) a propria filha
 Innocente era o movel deste enredo ,
 Seu nome he Dorothea , e no semblante
 Genio se lhe descobre inquieto , e leve.
 E como estes momentos preciosos
 Naõ se devem perder , depois que a fome
 Affugentou do estomago vasio ,
 Com branda voz em tom de profecia
 Humildade. affectando assim começa.

Pois tanta caridade ufais comigo
 O Senhor , que reparte os seus thesoiros ;
 Vos encherá de mil prosperidades.
 A vossa filha mas convem que eu cale
 Os segretos , que o Ceo me communica ,
 Inda vereis nascer entre riquezas
 Os venturosos netos , doce arrimo
 Aos fracos dias da caduca idade.

O velho entãõ co' as lagrimas nos olhos
 Assim falou: O' filho abençoado,
 Que pela debil voz já me pareces
 Habitador do Ceo, quanto consolas
 As peccadoras cãs, que te estaõ vendo!
 Assim talvez feria o meu Leandro,
 Se as bexigas em flor o não roubassem!
 Dez annos tinha, quando a morte avara
 Cortou co' a dura maõ seus tenros dias.
 Entãõ suspira, e segue passo a passo
 A longa enfermidade; e em quanto narra
 Apparece Marcella, conhecida
 Entre todas as velhas por mais sabia
 Em penetrar olhando para os dedos
 Tudo quanto já d'antes lhe contaraõ.
 Sobre pequeno páo, a que se encosta,
 Ella vem debruçada pouco a pouco;
 O semblante enrugado, os olhos fundos,
 Contra o nariz opposta a barba aguda:
 Os dous ultimos dentes balanceaõ
 C'o pestifero alento, que respira.
 Em segredo lhe mostra Dorothea
 A esquerda maõ porque ella decifrasse
 As confusas palavras de Tiburcio.

Ella

*Em penetrar olhando para os dedos. Esta superstição tem
 sido grande uso, vulgarmente dizer a buena dicha.*

Ella observa, e depois de mil tregeitos
Franzindo a testa, arcando as sobrancelhas,
com voz tremula, e fraca assim dizia.

O' que grande ventura o Ceo te guarda!
Por esposo terás hum cavalheiro
Que te ama, e te deseja. Mas ai triste!
Em vaõ chora infeliz o terno amante
Nessa escura prisaõ desconhecido
Por casos de fortuna. Criai filhos,
O' desgraçadas mãys, para que hum dia
Longe de vós padeçaõ mil trabalhos!
Aqui suspira a boa velha, e chora.
Duas vezes começa, e depois falla.
O seu nome he Gonçalo: he rico, e nobre;
E mancebo gentil, robusto, e loiro.
Estas, e outras palavras lhe dizia,
E Dorothea já se sente amante,
Excogitando os mais seguros meios
De abrir a porta, e darlhe a liberdade;
Na molesta prisaõ o novo engano,
De imperceptivel arte pronto effeito,
Sabe o Heróe, e assim consigo falla.
O' amigo taõ raro como a Fenix,
Que podendo deixar-me entre estes ferros;
Vens encher-me de alivios, e esperanças!

Va-

Valentes expressões em /crespa frase,
 Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria,
 Pensando, felizmente refuscita
 Aquellas hyperbolicas finezas,
 Que em seus escritos prodigou Gerardo:
 N' hum pequeno papel como convinha
 A triste, e desgraçado prisioneiro,
 Vio Dorothea as letras amorosas,
 Que os ditos confirmaraõ de Marcella,
 E dois grandes presuntos, que jaziaõ
 Intactos na despenha do bom velho,
 Vaõ levar a resposta acompanhados
 Do roxo nectar, que dissipa os males.
 Mensageira fiel entaõ affirma,
 Que virá Dorothea abrir-lhe as portas
 Nas horas, em que o placido socego
 Dos cançados mortaes os olhos cerra.
 Gonçalo espera timido, e confuso
 Vem-lhe á memoria o seu antigo affecto;
 Qual leve sombra: escuta, arde, e deseja
 Sentir no coraçãõ novas cadeias.

Já com a fria maõ a noite escura

Entre

Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria. Romance vulgar.
Que em seus escritos prodigou Gerardo. Gerardo de Escobar
 fez huma obra, que intitulo *Cristaes d' alma*, cheia de ridi-
 culos hyperboles.

Entre o miudo orvalho derramava
 Papoilas soporíferas, que inspiraõ
 O brando sono, e o doce esquecimento.
 Reina o vago silencio, que acompanha
 De amor furtivo os tragicos transportes.
 Gonçalo entaõ, cançada a fantasia
 Sobre os meios, e os fins de seus projectos,
 Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco
 Cerra os olhos, boceja, dorme, e sonha.
 Quando, voa do leito, onde deixava
 Nos braços do Descanço ao Pai da Patria
 A brilhante Verdade, e lhe apparece
 N' huma nuvem azul bordada d'ouro.
 A Deoza occupa o meio, hum lado, e outro
 A severa Justiça, a Paz ditosa.

Benignos Ceos enchei meus puros votos:
 Fazei que esta celeste companhia,
 Como do terno Avô rodea o throno,
 De seu Neto immortal orne a Coroa.

Gonçalo vio, e pondo as mãos nos olhos
 Recea, e teme de encarar as luzes.

Abre

Como do terno Avô rodea o throno. O Augusto e Fidelissi-
 mo Rey de Portugal.

De seu Neto immortal orne a Coroa. O Serenissimo Prince-
 pe Herdeiro.

Abre os olhos, mortal, (assim lhe falla
 Do claro Ceo a preciosa filha)
 Abre os olhos, verás como se eleva
 Do meu nascente Imperio, a nova gloria.
 Estes muros, que a perfida Ignorancia
 Infamou temeraria com seus erros,
 Cobertos haõ de ser em poucos dias
 Com eternos signaes de meos triunfos.
 Eu sou quem de intrincados labyrinthos
 Pôs em salvo a Razaõ illesa, e pura.
 Eu abri aos mortaes os meus thesoiros:
 Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde
 No seio immenso a fertil Natureza.
 Póde huma destra maõ por mim guiada
 Descrever o caminho dos Planetas:
 O mar descobre as causas do seu fluxo:
 A Terra mas que digo? Que sciencia
 Naõ fiz tornar ás margens do Mondego,
 Ou d' entre os braços da Latina Gente,
 Ou dos bellos paizes, cujas praias

O

Do meu nascente Imperio a nova gloria. A Universidade de Coimbra novamente creada.

Eu sou quem de intrincados labyrinthos. A Filozofia Racional sem os enredos dos syllogismos Peripateticos.

Eu abri aos mortaes os meus thesoiros. A Fyica.

Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde. A Historia Natural.

Ou d' entre os braços da Latina Gente. Os optimos, e famosos Professores, que ElRey Fidelissimo attrahio de diversas partes da Europa.

O mar azul por toda a parte lava?
 Se são firmes por mim o Estado, a Igreja,
 Se he no feio da paz feliz o Povo,
 Dizei-o vós, O' Ninfas do Parnaso.
 Illustres, immortaes, vós que dictastes
 As poderosas leis a vez primeira,
 Vós, que ouvistes da lyra de Mercurio
 Os uteis meios de alongar a vida.
 Eu vejo renascer hum Povo illustre
 Nas armas, e nas letras respeitado.
 O seu nome vai já de boca em boca
 A tocar os limites do Universo.
 O pacifico Rey lhe traz os dias
 Dignos de Manoel, dignos de Augusto.
 E tu em quanto a Patria se levanta
 Sacodindo os vestidos empoados
 Co' a cinza vil de hum ocio entorpecido:
 Em quanto corre a mocidade alegre
 A colher loiros ávida de gloria,
 Serás o froxo, o estúpido, o insensivel?
 Sacrificas o nome, a honra, a Patria
 Aos molles dias de huma vida escura?
 Cego errado mortal, vê que te enganas.

D

Dice:

Dignos de Manoel dignos de Augusto. O Senhor Rey D. Manoel, chamado o Feliz.

Dice: e cerrada a nuvem luminosa,
Estremece Gonçalo: foge o sono:
Por toda a parte lança incerto a vista,
Busca affustado, mas já nada encontra.
As mesmas impressoens em seus sentidos
Vivas imagens pintaõ, e não sabe
Se entaõ dormia, ou se inda agora sonha.
Sente a suave força da Verdade;
Mas recusa abraça-la. Triste fórte
D'alma infeliz, que ao erro se acostuma!

Em tanto sem receio o Velho dorme,
E a filha vem as sombras apalpando
Com as chaves na maõ: e quantas vezes
Segue, vacilla, e pára, e lhe parece
Ouvir a voz do Pai: escuta, e treme;
Move os passos, tropeça, e ao ruido
Acorda Amaro, e grita. Ella se apressa,
E torna a tropeçar. Aqui Tiburcio
Em casos repentinos prompto, e destro
Em hum lançol se embrulha, e corre ao leito,
Onde jazia o Velho espavorido,
Que cuida que vê bruxas, e fantasmas:
Entaõ lhe diz em tom medonho. O' filho,
Ingrato filho, que de hum Pai te esqueces!
Que mal, que mal cumpriste os meus legados!
Hoje

Hoje comigo irás Ao Velho o medo
 Corre as medullas dos cançados ossos :
 A voz lhe falta , eriça-se o cabello.
 Em tanto as portas Dorothea abrindo
 (Amor a fez intrepida) abraçava
 O promettido esposo : elle se apressa ,
 Acorda os miserandos companheiros ,
 Que se alegrão deixando solitarias
 As vagas sombras da prisaõ funesta.
 Passa o resto da noite entre temores
 Amaro , quanto póde • prejuizo !

Apenas matizava a branca Aurora
 Da Tyria cõr o veo açafreado ,
 Quando o Velho ao travez da luz escassa
 Vio abertas as portas. Dorothea ,
 Dorothea onde estás ? Assim clamava ,
 E entregue á sua dor consulta os olhos
 Do profeta , que prompto a por-se em marcha
 Com rosto de candura , e de innocencia
 Brandamente o consola. O Ceo , Amigo ,
 Tudo faz por melhor , e muitas vezes
 Com trabalhos crueis aos bons afflige.
 Dice , e deixando ao Pai desconsolado ,
 Caminha na esperanza de encontrar-se
 C'õ valente esquadraõ dos fugitivos ,

O Sol já com seus raios luminosos
Tinha roubado ás folhas dos arbustos
O frio gélo do nocturno orvalho.

Eis a sombra de funebre arvoredos
Rufino o melancolico chorando.

Quem es, que em tua magoa inconsolavel
Pareces abalar estas montanhas?

Compassivo pergunta o Antiquario,
E depois de chorar por largo tempo,
Estas vozes o triste lhe tornava.

Eu sou aquelle amante sem ventura,
Sempre estremofo, e sempre escarnecido,
Soffredor das ingratas esquivanças,
Que vi (ai dura vista!) face a face
Do tardo Desengano o feio rosto.

A' Dorothea, hum sonho lisonjeiro
Meos dias dilatou para que agora
Te visse em outros braços, insultando
O meu fiel amor? O' noite infauستا,
Noite terrivel, noite acerba, e dura!
Quanto eu fora feliz, se a tua sombra
Eternamente os olhos me cubrisse!

Tiburcio, que já tudo penetrava,
Do caminho se informa, e dos lugares;
Por onde fora a incerta companhia,

Que

Que em tanto risco o seu conselho espera.

Naõ distante se eleva antigo bosque
 Horroroso por fama : já nos tempos ,
 Em que torrente Barbara sahindo
 Do feio da Meotis inundava
 As provincias d' Europa , aqui se via
 Arruinado Templo. Os vividoiros
 Cyprestes se levantaõ sobre os pinhos :
 Heras , e madre silvas enlaçadas
 Alli fazem curvar a crespa rama
 Dos velhos , e infructiferos carrascos.
 Tres fontes misturando as puras agoas
 Mansamente se- envolvem , e offerecem
 A' vista cubiçosa os alvos feixos ,
 E os verdes limos , que no fundo nascem.
 Os amigos fieis aqui se-encontraõ.
 Qual em noite funesta , e pavorosa
 Perdido caminhante , que recêa
 Achar em cada passo hum precipicio ,
 Se acaso a dubia luz divisa ao longe ,
 A esperança renasce , e de alegria
 Sente pular o coração no peito ;
 Assim o Desertor constante , e forte

Ao

Que *Em que torrente Barbara sahindo.* A irrupção dos Barba-
 ros foi no seculo V.

Ao ver o companheiro, que prudente
 Sabe evitar, e prevenir os males.
 Elles se-reconhecem, e derramaõ
 De alegria, e ternura o doce pranto.
 O' vinculos do fangue, e da amizade!
 Menos unidos vio o Lacio antigo
 Aos dois Troianos, que huma cega noite,
 Espalhando o terror no campo adverso,
 Levou ás turvas margens de Acheronte.
 Gonçalo se-retira pelo bosque;
 Com elle vai Tiburcio, e mil projectos
 Formavaõ sobre o fim da grande empreza;
 E a muito facil, e infeliz donzella
 Do seo profeta o rosto, e a voz conhece,
 E pensa, e teme de se-achar culpada.

Entaõ o Amor, que na sonora aljava
 Esconde settas de mortal veneno,
 E settas d'outro ardor mais grato, e puro,
 Fazia escolha das terriveis armas,
 Para vingar-se da cruel Marfiza:
 Marfiza ingrata, perfida, inconstante,
 Peito de bronze, a quem a natureza
 Naõ formou para ternos sentimentos.

E

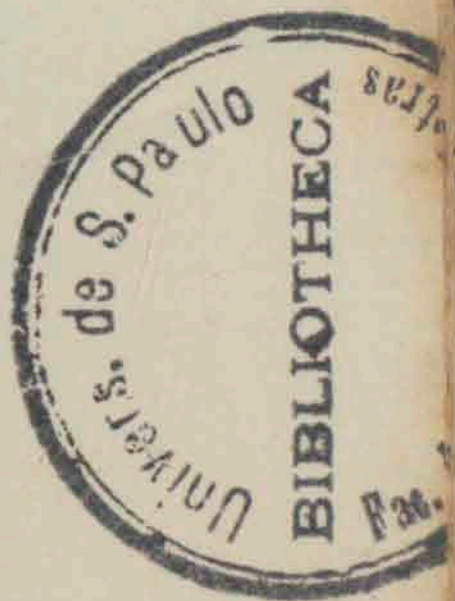
Aos dois Troianos que huma cega noite, Niso, e Eurialo
 Virg.

É por ver se os seus tiros correspondem
Sempre fieis á mão, e ao desejo,
Faz no teu peito, ó Dorothea, o alvo,
As forças prova, e a destreza ensaia.
Encurva o arco eburneo, solta, e vóa
Sequiosa de sangue a ponta aguda
Tinçta no Averno. Ao golpe inevitavel
Tremeo o coração, e hum vivo lume
Nos olhos apparece: do seu braço
Admira a força Amor. Vai outra setta
Ao brando peito incauto, e descoberto
Do mancebo infeliz. A vez primeira
Soube de amor o namorado Cosme.
Que violenta paixão póde encubrir-se!
Os olhos fallaõ: seguem as palavras;
E depois o delirio. O tempo he furdo
Aos votos dos amantes. Elles viaõ
Crescer ditoso em rapidos momentos
De huma nova esperanza o bello fruto;
Mas Gonçalo a favor dos arvoredos
Occulto chega, pára, e ceva as iras.
Tal póde ver-se o rapido Jaguára
Do fertil Ingahy nos vastos campos,
Se tem de frente o cervo temeroso;

Enco-

Jagudra. Marcgrav. Hist. Brasil. pag. 235.

Ingahy. Rio d'America nas Minas do Rio das mortes.



Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,
 Tenta, vigia, espera, e lambe os beiços
 Formando o salto sobre a incauta presa.
 Cegos amantes, aprendei agora
 Os perigos da nimia confiança.
 O zeloso Gonçalo enveste: acodem
 Os companheiros d'huma, e d'outra parte.
 Triste ruído! pedras contra pedras
 Alli se despedaçã: ao seu lado
 Acha Cosme a Rodrigo, acha a Bertoldo.
 Em quanto dura o fervido combate,
 Dorothea, que vê sem uso a espada,
 De que o Heróe em furia se não lembra,
 (Que não farás Amor, tu que transformas
 Huma donzella n' hum feroz guerreiro!)
 Desembainha: a Morte infaciavel
 Lhe afia o gume, e o furor sanguineo
 Ergue, e dirige o ferro: já pendente
 Sobre Gonçalo o golpe, falta, e chega
 O amigo a tempo de salvar-lhe a vida.
 Pelos braços a aperta, e nelles grava
 Roxos signaes dos dedos. Em derrota
 Correm os tres, e o campo desamparaõ.
 O misero, infeliz, e novo amante
 As negras furias levaõ, que despertaõ
 No afflicto coração desesperado

Ciúme, raiva, amor, odio, e vingança.
 Assim o invicto domador dos monstros,
 Quando por mão da credula consorte
 Recebeo o vestido envenenado
 No sangue infauſto do biforme Neſſo,
 Os rochedos, e os montes abalava:
 Soaraõ os ſeus funebres gemidos
 Por longo tempo nas Iſmarias grutas.
 Valentes, e indiscretos vencedores
 Tarde conhecereis, e muito tarde,
 Que hum amigo ultrajado he perigoso.

Para ſoltar os opprimidos braços
 Dorothea ſe empenha; mas Tiburcio
 Lançando a eſquerda mão á ruiva trança,
 A fez voltar, torcendo-lhe o peſcoço,
 Ao claro Ceo a viſta ameaçante.
 Gaſpar o ferro d'entre as mãos lhe arranca:
 Eſte hum braço ſustenta, outro Gonçalo,
 E ella preſa, e ſem forças grita, e geme.
 Não d'outra ſôrte o toiro da Chamuſca,

Quan-

Assim o invicto domador dos monstros. Hercules, que recebeu de Deianira o vestido tincto no sangue do centauro Neſſo, e agitado das Furias ſe lançou no fogo.

Por longo tempo nas Iſmarias grutas. Iſmaro monte de Thracia.

Não de outra ſôrte o toiro da Chamuſca. Todos ſabem, que deſta Villa ſão braviffimos os toiros.

Quando tres caens o cercaõ atrevidos ,
 Dois pendem das orelhas , e hum da cauda ,
 A cornigera testa em vaõ facode :
 Contra a terra se arroja a hum lado , e outro ,
 E depois que naõ póde defender-se ,
 Mugindo exhala a indomita fereza.

CANTO V.

ALto concelho aqui se faz , aonde
 Infeliz Dorothea , o teu destino
 Cruel , e dubio d'hum só voto pende.
 Dos tres heroes discordaõ as sentenças.
 Hum deseja que fique em liberdade ,
 E do Pai ultrajado exposta ás iras :
 Inexoravel outro pensa , e julga
 Que a sua morte deve dar exemplo ,
 Que encha d'horror as perfidas amantes.
 Gonçalo , que era o unico offendido ,
 Consulta o coração , e se-enternece.
 Mas o ardente Ciume , que se-alegra
 De pintar como crimes horrorosos
 Innocentes acções , entaõ lhe-mostra
 A feia Ingratidaõ , e o torpe Engano.
 A vingança cruel , e o vil Despreso

Ainda mais terrível, que a Vingança,
Ganhaõ do coraçãõ ambas as portas,
Mimosa Dorothea, e como ficas
C'õ as mãs ligadas a hum pinheiro bronco
Sem outra companhia, que os teus males!
He este o premio, filhas namoradas,
Este o premio de Amor, quando imprudente
Os termos passa, que a razaõ prescreve.
De quando em quando hum ai do peito arranca,
Que ao longe os tristes magoados Echos
Desperta, e faz sentir os duros troncos.
E espera sem defeza (fórte ingrata!)
Que a devorem os lobos carniceiros.
Assim ligada aos asperos rochedos
A filha de Cephêo ao mar lançava
A temerosa vista, e lhe parece
A cada instante ver surgir das ondas
A verde espalda do marinho monstro.

Sem esposo, sem pai, sem liberdade
Misera Dorothea chora, e geme.
Ai, Marcella cruel, que m'enganaste
Com teus bellos fantasticos agoiros!
Queira o Ceo que outras lagrimas sem fruto

Mil

A filha de Cephêo Andromeda foi exposta a hum Monstro marinho. Ovid. metamorph.

Mil vezes tresdobradas te-consumão
 Os encovados olhos! Que inda a Morte
 A's tuas vozes furda correr deixe
 Peiorando em seu curso vagaroso
 Os momentos de dor, e de amargura!

Affim fallava: a leve Fantasia
 Com as cores mais vivas lhe appresenta
 D'escarpados rochedos no alto cume
 O palacio da candida Innocencia
 Cercado de funestos precipicios.
 O' morada feliz, onde não torna
 Quem huma vez rodou entre as ruinas!
 Giraõ no plano do elevado monte
 Cruas dores, remorsos devorantes,
 As tres Irmãs a Peste, a Fome, a Guerra,
 O pallido Receio, o Crime, a Morte,
 As Furias, e as Harpias, que s' envolvem
 No turbilhaõ dos miseros cuidados.

Entaõ de tantas lagrimas movida
 A mãy soberba do propicio Acafo;
 A mudavel Fortuna, e já cançada
 De ouvir as tristes queixas de Rufino,
 Tais palavras ao filho dirigia.

Esse amante infeliz, que em vão suspira,
Ache a dita huma vez, e enxugue o pranto!
Acaba de fallar, e ao mesmo tempo
Rufino para o bosque s'encaminha,
E o Acafo o conduz por entre as sombras
Da pavorosa Noite, que já desce.
A' rouca voz da misera donzella
Palpita o coração: o Amor, e o Susto
Chimericas imagens lhe afiguraõ;
Mas elle chega: o proprio crime, e o pejo
Cobrem de roxas nuvens o semblante
De Dorothea ao ver-se ainda amada
Por aquelle, que foi há poucas horas
Alvo de seus insultos, e despresos.
A molle vista, as lagrimas em fio,
Que aos corações indomitos abrandão,
Que fariaõ n'hum peito namorado?
Tu lhe ensinas c'ò fraco rendimento
Os meios de vencer. O' fete vezes
Venturoso Rufino, s'ella hum dia
Naõ quizer renovar os seus triunfos,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande poder das suas armas!

Depois de longa, e trabalhosa marcha
Cançado de soffrer em fim respira

O Desertor, e mostra aos companheiros
Os conhecidos montes. Fuma ao longe
A fertil Mioselha, e pouco a pouco
Os oiteiros, e as casas apparecem.

Tiburcio, que huma antiga, e voraz fome
Soffreo nestes asperrimos trabalhos,
Com gosto espera de affoga-la em vinho,
E já se-apressa alegre, e transportado.
Qual o novilho, que perdeu nos bosques
A doce vista do rebanho amigo,
E depois de vagar a noite, e o dia
Por valles sem caminho, a Mãy conhece,
Alegre falta, e berra, e por momentos
Espera humedecer entre caricias
C'o leite represado a boca ardente.

Mas Cosme, que conserva na memoria
As passadas injurias, por vingar-se
Ao Tio de Gonçalo narra as causas
Da funesta derrota. Determina
Gaspar que os fatigados companheiros
Achem na propria caza hum doce abrigo.
De os ver a Mãy s' afflige; mas espera
Que obrigados da fome se- retirem.
Leve foi o Jantar, mais leve a Cea,

E Tiburcio com pena assim chorava
 Os dias, em que fora Thesoireiro
 D' huma rica, e devota Confraria.
 O' sancta occupação, tu nunca viste
 A magra mão da pallida Miséria,
 Que os fracos membros do mendigo apalpa.
 Sem trabalho em teus providos Celeiros
 A ditosa Abundancia se recolhe.
 Se torno apossuir-te, quantas vezes
 Dos cuidados tenazes, e importunos
 Lavarás a minha alma nas perennes
 Purpureas fontes do espremido cacho!

Mostra Gaspar vaidoso a livraria,
 Donde o Tio Doutor sermoens tirava.
 Mão Gosto, que á razão não dás ouvidos
 Vem numerar as obras, que dictaste:
 Seja a ultima vez, e eu te asseguro
 Que não vejas fumar nos teus altares
 Do Genio Portuguez já mais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa Estante
 C' o peso de indulgentes *Casuiſtas*,
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*

Moiás,

Casuiſtas Pode ver-se o que delles diz Concina Appar. ad
 Theol. Christ. c. 6. §. 5.

Theoremas predicaveis . . . Colecção de Sermoens.

Moias, Sanches, Molinas, e Larragas.
 Criminosa Moral, que em furdo ataque
 Fez nos muros da Igreja horrivel brecha,
 Moral, que tudo encerra, e tudo inspira
 Menos o puro amor, que a Deos se deve.
 Aparecei famosa Academia
 De humildes, e Ignorantes, Eva, e Ave,
 Baculo pasioral, e Flos Sanctorum,
 E vós ó Theoremas predicaveis,
 Não tomeis o lugar, que he bem devido
 Ao Kees, ao Bem Ferreira, ao Baldo, ao Pegas
 Graõ Mestre de forenses subterfugios.
 Aqui Tiburcio vê o amado Aranba,
 O Reys, o bom Suppico, e os dois Suares
 D' hum lado o Sol nascido no Occidente,
 E a Mystica Cidade, d' outro lado
 Cedem ao pó, e a roedora traça.
 Por cima o Lavatorio da consciencia,
 Peregrino da America, os Segredos
 Da natureza, a Fenix renascida,
 Lenitivos da dor, e os Olhos de agoa:
 Por baixo está de Sam Patricio a cova,
 A Imperatriz Porcina, e quantos Autos

Suares . . . Lusitano, e Granatense.
 Olhos de Agoa . . . Obra que tem este titulo = Fluxo Breve,
 defengano perenne, que o Pegaso da Morte abriu no monte da
 contemplação em nove olhos de agoa para refrescar a alma das
 securas do espirito &c.

A miseria escreveo do Limoeiro
 Para entreter os cegos, e os rapazes.
 Rudes montoens de Gothica escriptura
 Quanto cheirais aos seculos de barro!
 Falta ainda huma Estante; mas Amaro
 Seguindo os passos da roubada filha
 Caminha afflicto, e de encontrar receia
 O valente esquadrão, que procurava.
 Tanto a fama das bellicas proezas
 O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se-preparaõ!
 O povo cerca da Viuva as portas;
 Quando a triste Ignorancia, que deseja
 Arrancar d'entre os asperos perigos
 Aos seus Heroes, por boca de Gonçalo
 Começou a fallar. Se tantas vezes
 Mais que heroico valor tendes mostrado,
 He este o campo, hide a cortar os loiros
 Para cingir a vencedora frente.
 Não se diga que fostes opprimidos
 Por fraca, e rude plebe: este combate

E

Não

Todas as obras nomeadas neste lugar são conhecidas, e quando o não fossem bastaria ver os titulos para julgar do seu merecimento, e da barbaridade do seculo, em que foram escriptas. Talvez não sejaõ estas as mais extravagantes á vista do *Chrysol Serafico*, da *Tuba concionatoria*, *Syntagma comparistico*, *Prima vera Sagrada*, &c. *Limoeiro*. A cadeia publica da Corte



Naõ se póde evitar: só dois caminhos
 Em tanto aperto aos olhos se offerecem.
 Escolhei ou a India, ou a Victoria.

Dice, e depois abrindo huma janella,
 Arroja de improvizo sobre o povo
 De informe barro huma espantosa talha.
 Secco trovão, que faz gemer os Polos
 Quando vomitaõ as pesadas nuvens
 Do occulto seio a negra tempestade,
 Naõ causa mais pavor: ao golpe horrendo
 Muitos feridos, muitos affombrados
 Manchaõ de negro pó as maõs, e o rosto.
 Amaro anima aos seos, e em quanto voaõ
 Contra a janella mil pesados feixos
 (Que novo estratagema!) O Antiquario
 Finge da capa hum vulto, que apparece
 De quando em quando, com que attrahe as armas,
 Que haõ de servir depois para a defesa.

Novo furor os coraçõens accende.
 Qual a grossa faraiva ao sopro horrivel
 Do Boreas turbulento embravecido
 As searas derrota, os troncos despe,
 E o triste lavrador contempla, e chora
 A perdida esperanza de seus frutos:

Affim

Affim de pedras vaga, e densa nuvem
Sahe da janella a devastar o campo:
As que arroja o Heroe já se distinguem
Pelo som entre as mais, já pelo estrago.
A confusaõ, e o susto ao mesmo instante
Pelo povo s'espalha: entaõ Gonçalo
Valeroso sahio por hum postigo:
Depois Gaspar; o intrepido Tiburcio
Mettendo o braço, e a cabeça clama
Que o não deixem ficar naquelle estado,
O Heroe as mãos firmando nas orelhas
Ainda mais o aperta, e deixa exposto
Da plebe ao riso, a colera de Amaro.
Quantas vezes Tiburcio desejasste
Não ser de grosso peito, e largo ventre!

O Defertor em fim cançado chega
A presença do Tio formidavel,
E a teimosa Ignorancia, que se afferra,
E que affirma sómente porque affirma
O coração de novo lhe endurece.
A soffrer o trabalho dos estudos
O Tio o anima, e roga, e a meação,
Mas o Heroe inflexivel só responde
Que não há de mudar do seu projecto.
Não he mais firme a carrancuda rocca,

Com

Com que Cintra soberba enfreia os mares :
 Nem tu ó Paõ de Açúcar namorado
 Da formosa Cidade , Velho , e forte ,
 Que dás repouso ás nuvens , e te-avanças
 Por defende-la do furor das ondas.

Entaõ falando o Tio em torpes crimes ,
 E em furtadas Donzellas , ergue irado
 Co' a maõ inda robusta o páo grosseiro ,
 E a paixãõ defabafa : a longa idade
 Prohibe-lhe o correr ; mas não prohibe
 Que o páo com força ao longe o acompanhe.
 Ai Gonçalo infeliz , que dura estrella
 Maligna scintillou quando nasceste !
 Depois de mil trabalhos infofríveis
 Onde o gosto esperavas , e o focego
 Viste nascer estragos , e ruinas.
 Assim depois dos ultimos combates ,
 Que as margens do Scamandro ensanguentaraõ ,
 O Rey potente d' Argos , e Mycenas
 Esperando abraçar faudofo os Lares ,
 Abraça o ferro de huma maõ traidora.

Fecha-

Cintra . . . Serra , que acaba na fõz do Tejo com nome do
 cabo da Rocca.

Paõ de Açúcar . . Grande rochedo na barra da Cidade do
 Rio de Janeiro.

Rey potente Agamemnon , que voltando do Cerco de
 Troia foi assassinado por Egesto.

Fechadas tem o experto Tio as portas :
 Volta Gonçalo , encontra novos golpes ,
 E jaz em fim por terra. Ferve o fangue
 Da boca , e dos ouvidos : sem acordo
 Apenas se conhece que inda vive ;
 Mas tem gloria de trazer com figo
 A derrotada estúpida Ignorancia.
 Ella reina em seu peito , e se contenta
 De ter roubado aos muros de Minerva
 De fracos Cidadaons o preço inutil.

Goza , Monstro orgulhoso , o antigo Imperio
 Sobre espiritos baixos , que te adoraõ ;
 Em quanto á vista de hum Prelado illustre ,
 Prudente , Pio , Sabio , e Justo , e Firme
 Defensor das Sciencias , que renascem ,
 Puras as agoas cristalinas correm
 A fecundar os apraziveis campos.
 Brotaõ as flores , e apparecem frutos ,
 Que haõ de encurvar co' proprio peso os ramos
 Nos bellos dias da estaçaõ doirada.
 Possa a robusta maõ , que o Sceptro empunha ,
 Lançar-te n'hum lugar taõ defabrido ,
 Que te sejaõ amaveis os rochedos
 Onde os coriscos de continuo chovem.

Onde os Coriscos Os Montes Acroceraunos de Epiro,
 onde frequentemente cahem rayos.

SONETO

A Terra opprima porfido luzente,
E brilhante metal, que ao Ceo erguidos
Os altos feitos mostrem esculpidos
Do Rey, que mais amou a Lusa Gente.

Esteja aos Regios pés Dragaõ potente,
Que tanto os póvos teve espavoridos,
C'os tortuosos collos suspendidos
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da Memoria
As brancas azas sobre o Throno abrindo
Assombrem a doirada, e muda Historia.

Ao Indio livre já cantou Termindo.
Que falta, Grande Rey, á tua Gloria;
Se os loiros de Minerva canta Alcindo?

E. G. P.

S O N E T O

EM quanto o Grande Rey c'õ a mãõ potente
Quebra os grilhoens do Erro, e da Ignorancia,
E em quanto firma com igual constancia
A' Sciencia immortal Throno luzente.

Nova Musa de clima differente
Canta do Pai da Patria a vigilancia;
Vingando a Mãy das luzes da arrogancia;
Com que a despreza o estúpido indolente.

O Monstro de mil bocas sem socego,
Que a Gloria de Jozé vai repetindo
Ou sobre a Terra, ou sobre o immenso Pego;

Com ella o nome levará d' Alcindo
Desde a invejada margem do Mondego
Ao patrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

L. J. C. S.

